

S. PAULO (BRASIL)

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Enderço telegráfico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR
EDGARD LEUENROTH

A LANTERNA

ANTICLERICAL E DE COM...

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

PRO-ETTOR E GIOVANNITTI
Grande reunião
de protesto

Amanhã, domingo, às 9 horas da manhã, no Salão Alhambra, na rua Marechal Deodoro, 2, realiza-se uma grande reunião de protesto contra a infame violência de que estão sendo vítimas os propagandistas José Ettore e Arthur Giovanni...



Arthur Giovanni - DIRECTOR DO 'IL PROLETARIATO', DE NOVA YORK.



José Ettore, REPRESENTANTE DA FEDERAÇÃO INDUSTRIAL DOS TRABALHADORES.

Cristo que é?

Personagem histórica? — louco? herói lendário?
(Reflexões dum leitor de «La Libre Pensée»)

III

Foram os autores de boa fé? — A questão não pode ser apresentada quanto aos supostos autores, que nada escreveram. Os autores verdadeiros, homens do povo, confiados na próxima volta de Cristo e na renovação de tudo pelo estabelecimento do reinado de Deus, gente ignorante e crédula, foram por outros informados do que eles nos transmitiram, de nada foram testemunhas. Os seus escritos não podem ter valor histórico. Adiante, pois.

IV

Os contemporâneos nada souberam, nada viram, nada lhes contou do que se passava na Judéia, no tempo em que Cristo ali obrava prodígios. — Os que falam de Cristo ou dos cristãos são o fazem como duma coisa particular, e ignoram os prodígios e a existência de filho de Deus. Um deles, cujas ideias são tais que Bossi não hesitou em o qualificar de cristão antes do nome, ignora inteiramente a existência de Cristo, que habitava entretanto a terra...

vizinha. E nas obras desses homens, — em Flavius Joseph, por exemplo — introduziram-se passagens inteiras. Os contemporâneos são mudos; ora os acontecimentos bíblicos são tão extraordinários, tão inesperados, estendem-se mesmo a regiões tão consideráveis, tiveram por testemunhas tão vastas multidões, e os filósofos, os partidários do maravilhoso que escreviam então duvidavam tão pouco da possibilidade dos milagres, que é impossível supor que os hajam ignorado ou calado, pois tais factos teriam dado à sua tese uma brilhante confirmação.
Conclusão: Os contemporâneos nada souberam porque nada se passou.

E esses factos são ao menos possíveis, realizáveis, conforme as leis naturais? Resuscitar mortos, caminhar sobre as águas, mudar água em vinho, multiplicar pães cortados à medida que crescem, serenar a tempestade com uma palavra, subir aos ares sem aparelho, curar sem medicamento, sem operação, sem tratamento algum, desaparecer e aparecer num lugar fechado sem arrombar porta nem janela, tornar a colar uma orelha como se junta uma pedra a uma parede ou uma telha ao telhado, são outros tantos fenómenos inadmissíveis, que os próprios teólogos já não defendem, como Sabatier (Esboço duma filosofia da religião. — Da inspiração e do milagre).

Se portanto um professor, um reitor da Faculdade de teologia protestante de Paris, não pode admitir o maravilhoso do Evangelho, como havia de o admitir eu, que quero formar uma convicção pessoal, que não sou protestante, nem católico, mas quero julgar imparcialmente, como deve fazer qualquer juiz sem opinião antecipada?
Conclusões finais:
Os Evangelhos não são documentos históricos. Pertencem à ordem das lendas. Cristo é uma personagem lendária, sintética talvez, uma transposição do Yeshu-Cristi da Índia, ou ainda uma ampliação de um ou outro dos numerosos chefes de bandos que, na Síria, na Palestina, no Elam, na Asia Menor, lutaram contra os Seléucidas e seus sucessores, Yeshu, Yeshu, Jesu, Cristi, Chrestos, etc., o ultimo dos quais lutava ainda 50 anos depois da tomada de Jerusalem por Tito.
Do que esses homens semi-guerreiros, semi-filósofos, semi-taumaturgos disseram, fizeram, escreveram ou pensaram, a história nada conservou.
O Cristo do Evangelho não existiu.
Binet-Sanglé, com a «Loucura de Jesus», dá a última prova. O Cristo, obra anónima da turba mística, crédula e incoerente, não podia deixar de ser doentio, contraditório, místico, como o ideal que ele personificava. Herói imaginário de um povo doente e deservorado física e moralmente, não podia ser emblema dumia nação sã, lógica, racional, que quer viver uma vida livre e normal.
Cristo deve morrer, hade morrer como morreram todos os deuses do passado, porque não há deus algum.

Bíblia vermelha

E' graças à acção que nós aprendemos a conhecer os outros, assim como a conhecer-nos a nós próprios. Só a acção nos revela as partes mais profundas e desconhecidas do nosso ser. Sabemos que uma ideia nos possui verdadeiramente no dia em que por ela devemos sacrificar a vida e a terra. Nesse dia, só nesse dia é que podemos afirmar que essa ideia é nossa. Até semelhante prova, a ideia é sempre uma sombra, um fantasma de ideia. Gabriel Dromard.



— Eles trabalham agora para nós, mas nós rezamos para que eles possam ganhar na outra vida o reino do céu.

CONFETOS BIBLICOS

Moisés fez-se, pois, modesto e rogado diante de Deus, que teve de insistir e de lhe ensinar o recado. O astuto politico devia falar aos filhos de Israel em nome do Deus dos pais dos ditos, dizendo-lhes que esse Deus era quem eras, sem precisar de pôr mais na carta. (Todos os senhores absolutos tem respostas destas, recusando explicações perigosas). Que ia tiralos do cativeiro egipcio e levavlos para um elorado, «deixando despojado o Egipto», pois cada mulher pediria à vizinha e à hospeda vasos de ouro e de prata e vestidos... para não os restituír. O Deus de Israel não respeitava a propriedade... dos outros povos; os israelitas professavam a famosa moral dos primitivos: o bem é roubar eu aos outros, o mal é os outros roubarem-me.

Evacuado e limpo o Egipto, Moisés deveria oferecer ao seu Deus, naquele mesmo monte, um sacrificio, petisqueira muito do gosto da divindade.
Moisés, porém, permanecia hesitante... Tinha de pedir ao rei que desse 3 dias de licença, mesmo sem vencimentos, aos israelitas, para irem ao deserto sacrificar ao Senhor. Deus prevenira-o da dureza de coração de faraó; mas prometera, para a vencer, ferir o Egipto com vários prodígios, como qualquer genio de conto oriental. Muito bem. Mas o povo hebreu? Não escutaria Moisés, não creeria nele, diria que era um impostor, que Deus não lhe apparecera...

Então o sogro, quero dizer, o Senhor ensinou a Moisés uma serie de habilidades: a converter em cobra uma vara; a meter a mão no seio, tirando-a cheia de lepra, logo curada com gesto idéntico; a transformar em sangue o que extrahia do rio. Meus senhores, atenção! Aqui não ha engano... Uma, duas, três!... Não sei se tambem lhe ensinou a tirar duma cartola filaz, bombos, ovos estrelados, etc. Talvez não fossem ainda de moda as cartolas. O Confeitiro.

Batinas às ortigas

«Abandonaram a batina os padres Carlos Pereira Bicudo, ex-vigario de Mococa, Baurú e Pederneras e Manuel Pinto dos Santos, ex-seccretario do bispado de Botucatu.»

Porque motivos abandonariam a batina os ex-santos homens? Dar-se-á o caso do negocio andar em crise?
E daí quem sabe, a imigração padrecal é tão grande que a procura já não estará em relação com a oferta...
E' bem possível que já haja superabundância de... vagabundos...

Jacobinismo padrecal

Esta agora é de se lhe tirar o chapéu...
Ora, vão ver para que havia de dar agora a padralhada da respeitavel senhora boa imprensa.

O leitor sabe que em S. Paulo se publicam dois, nada menos que dois colegas do Observatore Romano, não é verdade? E', talvez saibam.

Pois os dois seraficos mensageiros do Vaticano andam agora em zangas, dizendo-se santamente não menos santos desafetos.

E calculem porque? E' curiosa mas é autenticamente católica...
Os padres italianos enforcados no convento da Avenida Luiz Antonio buzinzaram pela sua Squilla contra os clericais brasileiros-luso-felipinos do Coarção de Maria, porque estes não querem pôr a sua Gazeta do Povo inteiramente em favor da guerra contra os feis de Mahomet dos desertos da Libia.

A Squilla, transbordando em vaticanesco patriotismo, impreca diabolicamente... isto é, celestialmente contra a sua collega da boa porque esta não quer, sendo condicionalmente, tomar parte na cruzada santa em marcha para a conquista das pobres almas muçulmanas.

E o péga já vai feio mesmo entre os orgãos da dog...

Esta é mesmo curiosa, não acham? As aves de arribação (e de rapina) que não têm pátria, que não podem ter pátria porque a sua única pátria é o Vaticano, a cujas ordens devem cegamente obedecer pertencem a nação que pertencem, os internacionalista da exploração a brigarem entre si por causa de patriotismo!... Ora, ora! Para o que havia agora de dar a corvalhada...

Refutação à sétima conferencia do bonzo Júlio Maria

VII (Conclusão)

Ao iniciarmos esta série de artigos em refutação à sétima conferencia do bonzo Júlio Maria, dissemos que esmagariamos, ponto por ponto, tudo quanto o mesmo bonzo dissesse. E, de facto, provámos, tudo com a História na mão, que os mais egoistas, os mais ambiciosos de riquezas mundanas sempre foram os padres; demonstrámos tambem que, contrariamente a que afirmou o bonzo, a Igreja, longe de libertar-nos do erro ou proteger-nos contra o despotismo, foi ella exactamente quem mais nos embrutecou e roubou. Agora, para concluir, — e tambem desmentir O País, do Rio, que attribuiu ao bonzo Júlio fumaças de originalidade, — agora, diziamos, resta nos estabelecer e provar que antes de bonzo Júlio profetisar o fim do mundo e a proxima vinda de Cristo, outros cretinis iguais a elle profetisaram o mesmo.

Durante as insurreições judias de 2.ª metade do século I em Jerusalem, houve muitos impostores que se levantaram, inculcando-se profetas ou novos Cristos. Entre estes houve um judeu — diz Cantú — que por occasião da festa dos tabernáculos, corria dia e noite gritando: — «Desgraçada Jerusalem, desgraçado templo!» (1) Posteriormente, as perseguições de Nero e outros imperadores romanos, assim como o terremoto de 63 e a erupção do Vesúvio em 79, fez acreditar realmente que o mundo se ia acabar. Pelo mecos esta foi a criação dos cristãos durante o primeiro século. Mas passado este, Pápias, bispo de Hiercipolis e creador do milenarismo, no século II, transteriu esse acontecimento para o ano 1000. Por outro lado, cerca do ano 132, surgiu entre os judeus outro impostor que se fazia passar pelo messias prometido, vindo a ser coroado como tal. Mas apesar de Pápias e esse judeu, os cristãos continuaram a acreditar no próximo fim do mundo durante os 5 primeiros séculos; e Lactancio Tertuliano, S. Agostinho e outros padres cairam nesse crasso erro, inspirados uns no cap. XXIV de S. Mateus, e outros na Exegese de Pápias.

Entretanto, os séculos se succediam e desmentiam continuamente as profecias dos charlatões; mas, mesmo assim, a crassa ignorância dos cristãos continuava alimentada com a próxima vinda de Cristo e o fim de todas as coisas, e não faltavam impostores e falsários religiosos de toda a casta que se inculcassem profetas e até verdadeiros messias. Aqui surge-nos a ideia a bella proposição de Proudhon: — «Emquanto a Humanidade se ajoelhar a um deus, ella será réproba»; equivalente a esta outra: — «Emquanto houver crentes, haverá impostores, isto é, Júlio Maria».

Assim, em 530, surge na Palestina um falso messias de nome Julião; e em 555, apparece outro em Ceonra.

Mas estes dois falsários pagam com a vida as suas imposturas (2). Em 723, um novo messias surge na Judéia, e os israelitas, em massa, correm à Siria; os mouros, porém,

aproveitam a occasião e apoderam-se de todas as riquezas dos judeus que correm em poz do falso cristão. Aproximamo-nos do ano 1000 e as profecias do bispo Pápias e S. Agostinho vão cumprir-se. O bonzo mór dos cristãos é um francez de nome Gilbert, mas conhecido por Silvestre II. E' o ano 999 O terror é indescriptivel! — «Os senhores abandonam o trabalho — diz o dr. Genet — e os senhores não tratam de lho impôr. E, de facto, para que serve trabalhar se tudo vai acabar daí a pouco? Mas, de meia noite e o mundo continuou a viver... Terrivel desengano, mas já era tarde! Não é em vão nem impudentemente que se inter impem as eternas leis do movimento que presidem à Mãe Natura! O trabalho abandonado e os campos incultos produzem as naturais consequências: — uma fome, não canin» mas antropologica, pois que os homens comem-se uns aos outros (3); as lendas tornam-se ladrões de estradas, e a Igreja para desterrar a tantos ladrões e farmintos predica a necessidade de ir restaurar o sepulcro de Cristo. Na verdade, era o último expediente...

Eis, pois, as consequências das loucuras dos colegas de bonzo Júlio! Mas a mania que contiudo a atormentar e alimentar o cégo fanatismo e a ignorância crassa dos cristãos é sempre a esperada e nunca chegada vinda de esse tontudo (Cristo, a quem Doge da Maia e outros heréticos não querem conceder a existência histórica nem de graça. No século XV essa mania apparece na Inglaterra, importada sem dúvida de outro país. Dois séculos mais tarde, o protestante e assassino Cromwell está muito impressionado «porque o mundo vai acabar-se»; e Eduardo Iwing, um terrivel fanático protestante da Igreja escocesa, apregoa em altos gritos que o Cristo bate ás portas. A impetura já era antiga e por isso quasi ninguém heia. Mas em 1814, uma nova impostura surge nos Estados-Unidos; chama-se Southoute, e proclama-se Nota do Cordeiro, que, qual outra Virgem Maria, vai em breve dar à luz esse Cordeiro. Desta vez a coisa era de ohifras e por isso bem poucos a tomaram a sério.

Mas a mania continúa. Guilherme Miller, um tipo analfabeto, nascido em 1782 no Massachusetts, muito sabedor da Biblia por tel-a ouvido dos outros, empra a vida do mundo para o ano de 1844; e o Cristo, está mais do que visto, tambem tinha de vir nesse ano.

Daqui origina-se a protestanteza dos sabatistas ou adventistas, que no já citado ano de 1844, começam a liquidar contas com este mundo, isto é, vendem tudo quanto têm, despedem-se dos amigos, exortam os menos crentes e ameaçam terrivelmente os ateus com as penas do inferno. (4)

(3) P. Genet, «La Muerte y el Diablo», t. I, p. 157; Barcelona, 1907. (4) David Anderson, «O Sabbatismo Desmascarado», trad. de dona Amelia Collins, cap. V, p. 57; Bahia, 1912.

aproveitam a occasião e apoderam-se de todas as riquezas dos judeus que correm em poz do falso cristão. Aproximamo-nos do ano 1000 e as profecias do bispo Pápias e S. Agostinho vão cumprir-se. O bonzo mór dos cristãos é um francez de nome Gilbert, mas conhecido por Silvestre II. E' o ano 999 O terror é indescriptivel! — «Os senhores abandonam o trabalho — diz o dr. Genet — e os senhores não tratam de lho impôr. E, de facto, para que serve trabalhar se tudo vai acabar daí a pouco? Mas, de meia noite e o mundo continuou a viver... Terrivel desengano, mas já era tarde! Não é em vão nem impudentemente que se inter impem as eternas leis do movimento que presidem à Mãe Natura! O trabalho abandonado e os campos incultos produzem as naturais consequências: — uma fome, não canin» mas antropologica, pois que os homens comem-se uns aos outros (3); as lendas tornam-se ladrões de estradas, e a Igreja para desterrar a tantos ladrões e farmintos predica a necessidade de ir restaurar o sepulcro de Cristo. Na verdade, era o último expediente...

Eis, pois, as consequências das loucuras dos colegas de bonzo Júlio! Mas a mania que contiudo a atormentar e alimentar o cégo fanatismo e a ignorância crassa dos cristãos é sempre a esperada e nunca chegada vinda de esse tontudo (Cristo, a quem Doge da Maia e outros heréticos não querem conceder a existência histórica nem de graça. No século XV essa mania apparece na Inglaterra, importada sem dúvida de outro país. Dois séculos mais tarde, o protestante e assassino Cromwell está muito impressionado «porque o mundo vai acabar-se»; e Eduardo Iwing, um terrivel fanático protestante da Igreja escocesa, apregoa em altos gritos que o Cristo bate ás portas. A impetura já era antiga e por isso quasi ninguém heia. Mas em 1814, uma nova impostura surge nos Estados-Unidos; chama-se Southoute, e proclama-se Nota do Cordeiro, que, qual outra Virgem Maria, vai em breve dar à luz esse Cordeiro. Desta vez a coisa era de ohifras e por isso bem poucos a tomaram a sério.

Mas a mania continúa. Guilherme Miller, um tipo analfabeto, nascido em 1782 no Massachusetts, muito sabedor da Biblia por tel-a ouvido dos outros, empra a vida do mundo para o ano de 1844; e o Cristo, está mais do que visto, tambem tinha de vir nesse ano.

Daqui origina-se a protestanteza dos sabatistas ou adventistas, que no já citado ano de 1844, começam a liquidar contas com este mundo, isto é, vendem tudo quanto têm, despedem-se dos amigos, exortam os menos crentes e ameaçam terrivelmente os ateus com as penas do inferno. (4)

(3) P. Genet, «La Muerte y el Diablo», t. I, p. 157; Barcelona, 1907. (4) David Anderson, «O Sabbatismo Desmascarado», trad. de dona Amelia Collins, cap. V, p. 57; Bahia, 1912.

CAUTÉRIOS

LXXIV
A Bênção Divina, jornal cuja assinatura custa apenas 10\$ por ano, é a fonte de toda a verdade. Dirigir-se a F. X. dos Anjos, em Aparecida. (Anúncio do «Estado».)

Há muita gente pelo mundo afóra que se vive o quizer da sorte impio. Há muita gente cheia de coragem que, sem crump e esperança em Deus,...

E que deus toda, coitadinho! Ignora que uma benção divina é tão barata. E nos faz prosperar, e os muros de Jericó caem de sobre os seus pés.

Deus não dá a mão ao que não dá o coração. E por isto a Lanterna, promissor, vai a nos ensinar a terra inteira.

Para ganhar de gente que pedem: Coisas santas não são, fôlho, promissor, de lá no Aparecida é que aprendem.

Beato da Silva

(1) «Obe. cit.», t. V, p. 157. (2) Id., t. IX, cap. XIV.

Mas o mundo não está ligando a profecias de cretinos nem o Cristo faz caso da chamada dos seus eleitos; o que quer dizer, que nem aquele se acabou nem este veio, traduzindo-se tudo isso em outro formal desmentido. Entretanto, tal cretinece, parecia de todo esquecida e sepultada no abismo da sua própria impostura, quando em 1848, passados 4 anos depois do último fracasso, surge na América outro novo papa dos adventistas. — Mrs. White, — que, como bonzo Maria anuncia o próximo fim do mundo e a inevitável vinda do Cristo.

Acabou-se o mundo? Veiu o Cristo? Não? Pois então, senhores tarasantes, basta de imposturas. Terminando, pois, diremos que bonzo Júlio Maria não foi original, porque, como demonstramos, outros cretinos antes dele profetisaram o mesmo. (5)

José Martins.

(5) Segundo um livro que temos à vista, desde os dias de Cristo até hoje têm aparecido, entre Cristos falsos e falsos profetas, 65 impostores, inclusive o bonzo Júlio Maria. (A Gloriosa Ap. de Cristo, publi. da Sociedade. Internacio. de Trata. no Bras., p. 15; S. Paulo, 1909.



O julgamento do fidalgo — Cumprirá a pena toda? — Como se porta um nobre no tribunal republicano — Uma figura digna de estudo: um homem do passado sob os... — Evoluções — Esboça-se um retrato significativo — Psicologia dos homens da contra-revolução — D. João d'Almeida e os comen...tores do Brasil — Os que andam entre nós, mas vivem... na lua — Alude-se aos aventureiros — Viva a Espanha!... — Sou a Marcha Real em honra de D. Rodrigo, defensor da Republica... — Um sonho de grandeza militar — Qual é a verdadeira defesa dum país? — A rã que quer ser do tamanho do boi e o carro diante dos bois — Aeroplanos e trambolhões.

LISBOA, 28 DE JULHO

Começaram a funcionar os tribunais marciais, iniciando a tarefa com o julgamento do nobre D. João d'Almeida. Acusado de dois crimes — rebelião armada e assassinato de um guarda fiscal — só o primeiro lhe foi dado como provado, valendo-lhe a respeitável pena de seis anos de prisão maior celular, seguidos de dez de degredo, ou na alternativa, a de vinte anos de degredo em possessão de primeira classe.

— Não cumprirá a pena toda: está aqui está em liberdade! dizem alguns com indignada suspeita, murmuram outros com benévola piedade.

E é na verdade possível que, dentro de poucos anos, restabelecida solidamente a calma e convencidos os contra-revolucionários, em sua maioria, da inutilidade dos seus esforços, postas em acção certas influências e pressões, seja feito generosamente o largo gesto de perdão...

Quantas outras esperanças, além desta, não se agitarão talvez no coração deste pobre D. Quixote miguelista!

A sua attitude no tribunal foi adequada ao seu orgulho de fidalgo, à sua mentalidade arcaica e porventura àquelas esperanças. Recusou defender-se, negou-se a escolher advogado: não reconhecia o tribunal, Portugal está fora do direito das gentes... Frases que, como a sobranceira reivindicação do seu «dom», não despertam ecos indignados, nem pasmos laudativos: estão fóra da moda, como o seu autor e as ideias que ele representa.

Este caso não deixa de ter interesse e de sugerir reflexões pouco habituais. Eis aqui um homem, miguelista de nascença, que, para não jurar a bandeira azul e branca, a da monarquia constitucional, emigra aos 14 anos. Aos catorze anos! Exteriormente, o seu acto parece o de um antimilitarista revolucionário, de um internacionalista; e D. João d'Almeida, se não fosse fidalgo e miguelista, se não se tivesse expatriado precisamente para se alistar num exército estrangeiro, teria sido considerado e insultado como um vulgar antipatriota.

Mas o antimilitarismo e o internacionalismo exigem uma reflexão e um estudo que não veem geralmente aos 14 anos; esses revolucionários lutam sempre contra o meio e quasi sempre contra as ideias e tradições de família. D. João d'Almeida, pelo contrario, não precisou de ideias: achou-as feitas, seguiu cegamente tradições, rezou maquinalmente o padre-nosso que lhe ensinaram desde o berço... Encerrou-se numa especie de mundo aparte, numa torre vestida e heráldica e a vida real foi-lhe desconhecida...

Naturalizado austriaco, occupado em subir postos nas tropas de Francisco José, o fidalgo miguelista de Lisboa, além de ignorar tudo da vida social moderna, engrenagens, condições e tendencias, vive apartado do seu país, do país que o seu senil perdido quereria reconquistar... Se depois de um desastre (queda do cavallo, creio), que o forçou a deixar o exército, e, segundo o defensor oti-

cioso, lhe alterou um tanto o juízo, vem a Lisboa, é para logo se convencer de que só com Deus e a bandeira branca do miguelismo Portugal se levantará...

Tal é, em breves traços, a psicologia, a mentalidade de um dos principais chefes da restauração monárquica em Portugal! Não há talvez entre os contra-revolucionários, tipos tão completos como este; mas do modelo aproxima-se, por um lado ou por outro, quasi todos. Aproxina-se até aqueles que, tendo partido duma aldeia para o Brasil, ignorantes das condições das sociedades modernas, alheios a todo o movimento de ideias, estranhos ao jogo das causas que mudam as formas políticas, desconhecedores da situação das forças reais da sua «pátria», acham tão facil restabelecer o trono como foi lançado por terra. Antes, nem sequer queriam admitir a possibilidade duma república portuguesa. Após os primeiros telegramas sobre a insurreição de outubro, não dizia, no Rio, a um jornalista, um grauço português, todo seguro de si, que a louca aventura seria prontamente sufocada e que, caso triunfasse por um momento, o povo, o país em peso logo a esmagaria!

Há mesmo pessoas, por vezes inteligentes, que, sem sair daqui, parecem comtudo viver... na lua — num mundo ideal estranho, todo de ilusões ou de preconceitos anacrônicos.

Não falemos já dos aventureiros e despeitados, dos que no fundo não acreditam na restauração nem esperam vitória alguma — a não ser a permanente e rendosa vitória da sua finura sobre a simplicidade dos seus adeptos.

...Está, pois, condenado e já metido a bordo dum transporte o mais importante dos prisioneiros feitos pelos republicanos. E agora a justiça militar continuará a sua tarefa implacável...

O que tambem continua é o entusiasmo por D. Rodrigo Soriano — outro «dom», mas espanhol, — cavaleiro defensor da República Portuguesa. Impoentes manifestações da rua, festas de homenagem, saudações tudo. Diplomáticamente, o governo abstém-se; e muito diplomaticamente tambem, nas festas e cortejos, figura a bandeira oficial do vizinho reino, toca-se a Marcha Real, aclama-se a Espanha sem qualificativos, trocam-se ardentes juras de amor e de fraternidade... Ante essas fogosas expansões de afecto, que poderia fazer um governo de intenções agressivas ou impertinentes?...

Toda esta cordialidade internacional, que deliciaría o lusobrasileiro sr. Bernardino Machado, não impede os republicanos de pensarem cada vez mais num consideravel aumento de poderio militar. Querem um bom exército, uma poderosa esquadra, e até o luxo de aeroplanos de guerra!

Por mais que se estorce e inche, como a rã a imitar o boi, parece que Portugal não pode aspirar a um poder militar capaz de o garantir contra aliás improváveis agressões; esse poder seria sempre insufficiente e serviria talvez para aumentar o peso de um desastre, como servirá por certo para sobrecarregar a nação, estorvar-lhe o andamento e ameaçar-lhe a liberdade. Portugal tem de confiar noutras forças e noutros meios de defesa, que são principalmente o seu desenvolvimento económico.

Não é necessario ser antimilitarista e revolucionário para notar que é a esse desenvolvimento, é às obras de fomento e da instrução, que principalmente devem ser consagrados os esforços e recursos do país; que essa é, pelo menos, a tarefa mais urgente e a que há de vir primeiro.

Mesmo sem sair do âmbito dos chamados «interesses nacionais», quem não vê que, sem riqueza industrial, não é possível custear exércitos e que estes então, nanocasiados fortes despesas improdativas, enterram cada vez mais as nações pobres e arruinadas, dificultando-lhes o progresso material, abeirando-as mais da ruína e da dependencia, isto é, obtendo o fim contrario áquele que à classe armada é attribuido?

Pensar agora num grande poder militar, além de ridiculo em Portugal, é pelo menos começar pelo fim, e começar pelo pior, pelo improdutivo.

Há quem diga que é para valorizar o país na desigual aliança anglo-lusa! Como se as próprias alianças entre grandes potencias fossem inabaláveis — e não fosse esse triste jogo de alianças e combinações e negocios uma emalhada instavel e imprecisa! Como se a desigual «amizade» pudesse obstar a um accordo entre os grandes tubarões europeus!...

Os nossos dirigentes vão mais longe na guerra à ordem lógica das coisas: antes da riqueza industrial, põem o poderio militar, e ainda neste começo... pelos aeroplanos! Sim, pelos aeroplanos, com trambolhões e tudo! E' ideia do Directorio do partido democratico — por certo mais desinteressada do que em França, onde foi iniciativa de financeiros e gazetas que pretendiam valorizar acções de empresas construtoras dos pouco estaveis aparelhos...

Ainda sem navios e sem soldados, já querem passarões e... accidentes: os próprios militaristas ferrenhos e diplomados da Luta manifestaram o seu assombro!

Nuno Vasco

A "Lanterna" em Santa Catarina

Ainda a Câmara de S. José

São os factos e não palavras que justificam o que temos dito sobre a generosidade com que a Câmara Municipal desta cidade, devido a considerancia do sr. administrador, vai distribuindo os dinheiros do povo em subvenções a escolas parquiais, criadas pelos frades franciscanos.

Para que não se diga que falamos ao acaso; que alegamos factos sem provas que as justifiquem, apelamos para o próprio sr. superintendente, limitando-nos simplesmente a perguntar-lhe — se é ou não verdade que a s. s. ofereceu subvenção à escola parquial de S. Pedro, regida pelo fanático João Peixoto?

E para confirmar as nossas asserções, apesar de que essa promessa não é mais um segredo, está no dominio publico, aqui esteve há dias esse professor a fim de receber o dinheiro.

Por isso lamentamos que «Veritas», devido, talvez, a errôneas informações, ouasse dizer por uma carta a esta folha que a inteira responsabilidade do acto da Câmara que concedeu subvenção à primeira escola parquial desta cidade, cabe ao presidente do conselho, sr. Carlos Knoll. Quando, porém, ao contrario de tal asserção, temos a affirmacão categorica deste nosso amigo, dizendo só ter concordado com a aprovação do referido projecto sob condição de ser ministrado na dita escola o ensino gratis a cinco crianças pobres, suas protegidas.

Temos agora o direito de perguntar ao autor da missiva salvadora da situação e da verdade dos factos, se para a escola de João Peixoto — aqua mole bateu em pedra dura?

Não é justo que o sr. superintendente municipal, capitão Manuel de Oliveira Ramos, e demais membros do Conselho, contra as determinações expressas da Constituição e o dever de selar pelos dinheiros do povo, estejam a star desses trambolhões ás debéis finanças do municipio.

Nenhum sentimento partidário nos move a atacar a administração do sr. Manuel de Oliveira Ramos, visto nada termos que ver com a politica. A nossa missão é tão somente combater o elemento clerical; a causa que dá lugar à sua pernicioso existência e todos os actos emanados dos poderes publicos que venham a prestar-lhe braço forte.

S. José, S. Catarina, 30-7-912.

Um Josétenas.

Sangue de Cristo

Foi condenado a trinta anos de reclusão, em Reggio Calabria, o padre Naso, que envenenou o padre José Albane-se, pároco de San Ferdinando di Rosazzo, deitando-lhe veneno no vinho da missa. O sacerdote da igreja, recendo ser accusado do crime, bebera o resto do vinho envenenado e sucumbira igualmente.

Sangue de Cristo venenoso! Que milagre eucarístico!

Secção amena

— Papá, que quer dizer dominus tecum?
— Eu não sei, meu filho: o que sei dizer é que é muito bom para os espiritos.

Um pregador explicava na igreja duma aldeia a vida de S. Felix, e, ao lalar do martirio, diz:
«Então, o santo pegou na cabeça que o verdugo lhe cortara, beijou-a e tornou a coloca-la sobre os ombros».
— E com que boca a beijou elle?
— perguntou um ouvinte indiscreto.
— Com a boca do estomago respondeu o padre, sem se atrapalhar.

Um estudante perguntou a um frade a que companhia pertencia.
— A' companhia de Jesus — respondeu o frade.

O estudante redarguiu-lhe:
— Mas Jesus teve duas companhias: uma de bestas, no Presepe e outra de ladrões no Calvário. A qual pertence vossa reverendissima?...

O divórcio

Carta aberta ao exmo. sr. dr. Carlos Laet

Exmo. sr.:

O sinatório desta, a quem v. exma. não conhece, mas que conhece a v. exa., pois que há oito anos que lê os seus escritos e já teve occasião de o ouvir em algumas conferencias, vem dirigir-vos este para dizer que ao defender os seus ideais o taça de forma a não deixar transparecer uma ausencia de argumentos para tal fim, descambando para o ridiculo que tanto ridiculariza os já por demais ridicularizados assuntos que advoga.

Motiva esta observação a leitura do vosso Microcosmo, de 7 do corrente, no Paiz.

Apesar de ideias inteiramente opostas, sempre admirei a v. exa. pela posse duma erudição pouco vulgar, na palavra escrita ou articulada, lamentando, sempre que o lia ou ouvia, que os seus conhecimentos sociais não estivessem ao serviço duma causa mais digna, mais nobre e mais conclusiva do que essa que v. exa. tão brilhantemente defende, mas que, como «ruim semente, embora espalhada em bom campo e por habil lavrador, não pôde germinar e florescer.

Reapparece agora a questão do divórcio e vem v. exa. mais uma vez atacar o; porém, o proce so agora posto em prática é que não é muito digno de quem se preza de estar convicto do que defende ou ataca.

Vir pelas colunas dum jornal conceituado atacar um assunto pela forma como o fez no seu Microcosmo do dia 7, é fazer pouco dos leitores desse jornal e melhor fóra que as colunas que nesse dia occupo tivessem saído em branco. Veja que a enquete da Noite obedece ao critério que um jornal digno deste nome procura sempre manter. A entrevista que v. exa. teve comigo mesmo (parodiando em duo o trio da sua santissima trindade em uma só pessoa) não se deve nivelar ás entrevistas do representante da Noite com as conhecidas e admiradas intellectuais cariocas. Seja v. exa. anti-divorcionista porque está no seu direito, porque nós entendemos que a liberdade de pensamento deve ser inatacavel, respeitando as ideias dos outros para que as nossas sejam respeitadas.

Defendamos, porém, os nossos ideais com argumentos defensivos, em linguagem ao alcance não só dos espiritos esclarecidos mas tambem aos menos cultos; mas, quando escassearem esses argumentos é melhor deixar o lugar para outros do que vir com comparações ingenuas como aquela que «ó. D. Folisberta, fante da montanha e a planície com a mulher culta e a mulher que obamais do povo. E ainda não antilisteio em chacucar com os leitores que tem a paciência de o ler, ainda v. exa. termina a entrevista com a sua pessoa pegando no biguinho do cidadão que falla ou infelizmente (isto pouco me preocupa) preside aos destinos desta nação.

Meu caro senhor, desluda-se, que toda a sua. serve e tudo quanto tem escrito e dito contra a bondade lei do divórcio não é capaz de impedir o seu surgimento.

Eis ha-de vir para constituir laws feitas e honras que com eis

se mantêm SENÃO PELO AMOR ao menos pelo respeito à lei, pelo temor do escândalo, pela força da opinião honesta. (sic) (*)

Rio, 11 — 8 — 912.

Antonio Moreira.

(*) Este grifado é um trecho da entrevista em questão. — A. M.



O cão do pároco

Vivario é um lindo canto da Córsega, ainda pouco conhecido apesar das communicacões actuais, mas que era uma ravina perdida na montanha há cem anos. Como a neve cobre o solo da Fochte durante metade do ano, ignora-se completamente o outro lado da montanha e ir a Ajaccio era como fazer uma longuica expedição de muitos dias.

Naturalmente, não havia industria alguma em Vivario, comércio nenhum, instrucção pouca, mas sim uma vida patriarcal e ingenua.

A esta aldeia é que voltou, após sete anos de serviço militar, um rapagão desempenado, bastante bonito moço, mas pouco corajoso no serviço e que não pudera aprender um officio no continente.

Mas que fazer em Vivario, quando já se não sente gosto pela vida rústica e primitiva? Batista foi pedir ao pároco que o tomasse a seu serviço.

— Mas, meu pobre Batista, disse o padre, eu não tenho serviço para te dar e não posso pagar a um criado!
— Senhor pároco, aceite-me provisoriamente, só pela comida: há muito que arranjai no quintal, na sebe da cerca, etc.

Batista foi aceito. O provisório prolongou-se indefinidamente com regozijo do criado, que só uma coisa lamentava: já não podia ir a taberna, pois não tinha vintem.

Batista era cheio de atenções pelo amo e como notara que o sr. cura gostava muito de um cão espanhol, o adúlador nunca deixava escapar um ensejo de tecer louvores ao Medor:

— Ah! sr. cura, que bonito cão v. Rev. tem! E que inteligente! Só lhe falta falar!

A' força de dizer: «Só lhe falta falar» e de ver a satisfação do pároco quando assim se falava do Medor, Batista acabou por conceber um grandioso projecto baseado na simplicidade do padre.

Contou que elle, Batista, em suas viagens, vira «cães que conversavam».

— Sim, senhor, cães que conversavam, porque não? Tambem aprendem a falar papagaios, págas, melros, etc. Ora um cão como o Medor sempre é muito mais intelligente do que um estorninho. E demais, antigamente todos os cães falavam. Todos o sabem!

Depois começou a dizer e a repetir que havia uma escola para cães em Ajaccio e que, com um animal tão intelligente como Medor, o ensino havia de ser rápido.

Emfim, um belo dia, o padre perguntou:

— Mas isso deve custar caro, ensinar assim um cão?
Batista alcançava assim o seu intento e, algumas semanas mais tarde, era elle o encarregado de levar Medor a Ajaccio e de arranjar o negocio da melhor forma, pois o pároco não podia ausentar-se por muitos dias.

Naturalmente, Batista levava o prego da pensão do Medor para o primeiro mês.

A poucas leguas de Vivario, esse traidor do Batista atirou Medor a uma torrente e durante alguns dias correu ás tabernas da cidade.

Quando regressou, fatigadissimo, a Vivario, referiu ao bom cura que o Medor estava bem instalado, com bons companheiros já instruidos, etc., mas que elle, Batista, tivera que prometer ir todos os meses levar a importância da pensão. E todos os meses, Batista foi levar o dinheiro do padre aos taverneiros da região.

Chegou o termo do ano escolar: era preciso trazer o Medor. Após uma longa semana de beibeira final, Batista voltou a Vivario sem o cão. Logo que avistou o padre, desatou a chorar, parecendo possuído da maior das affeições, falando em suicarse, etc.

— Meu bom Batista, dizia o padre, não deves desaperpear-te assim; se accoiteou uma desgraça a Medor, no fim de contas um cão é sempre um cão; e tu offendes a Deus, falando em te suicidar.

Por fim, depois de varias crises de choro, Batista contou o caso. Tinha ido a Ajaccio, tirara da escola canina o bom Medor, amavel, polido, bem instruido. Todo contente por voltar, ao mesmo tempo que se despedia dos colegas, já ia perguntando noticias da aldeia: «E o tio Fulano, como vai?»

— Isso é verdade, Batista? Faleva assim? Perguntou por mim?

— Pois deserto, sr. cura. E era intelligente, o bom Medor. Mas não se lembra de de me perguntar ao ouvido: «O sr. cura continua a dormir com a crida?» Ah! sr. cura, quando ouvi falar assim de v. Rev., tão santo homem, não foi o que me deu, desappareceu em Medor um pouco de força... que o maei! Pago-lhe perdão, sr. cura, não refleti, foi a ruiva...

O cura pensou um segundo e suspirou:

— Batista, fazeo bem: é a lei contra isso na aldeia.

Francisco M. G.
(La Libre Presse).

Doctrina da Igreja

Segundo refere o padre Clarez, o frade dominicano Janvier, pregando da igreja de Notre-Dame, de Paris, em 25 de março ultimo, defendeu o direito de matar os herejes, nada menos.

«Tem a Igreja o direito de mandar matar os herejes?... Tem ela pelo menos o direito, em virtude do seu poder indirecto sobre as coisas temporais, de apelar para os Estados cristãos a fim de obter a repressão dos herejes por meio de penas que podem ir até à de morte?»

«Penso que sim, senhores, até à pena de morte (ajuntando que ela póde, quando lhe convier, não se servir desse direito, que ela não tem intenção de restabelecer instituições que, em séculos em que a unidade do pensamento religioso foi rompida, fariam mais mal do que bem à fé). Penso que sim, apoiando-me primeiro na prática, depois no ensino da própria Igreja, e estou convencido de que nenhum católico professará a ideia contrária sem errar gravemente.»

Protestando contra uma violencia

Pró-Ettor e Giovannitti

Conforme noticiámos, realizou-se no domingo à tarde a reunião de libertarios para tratar do protesto de solidariedade com os companheiros Ettor e Giovannitti, victimas da fúria reacionaria dos grandes argentarios norte-americanos.

Depois de uma ordenada troca de ideias, foi deliberado a realização do comicio de amanhã e dirigir um convite à federações operarias de Santos e do Rio para secundarem esse protesto.

NO RIO

a Federação Operária realizará uma reunião amanhã, às 2 horas da tarde, em sua sede, na rua General Camara, 335.

Até à hora de entrar a nossa folha para o prelo ainda não sabiamos o que se fará em Santos e em Sorocaba. Entretanto, estamos certos que os companheiros dessas cidades não deixarão de secundar o protesto de S. Paulo e do Rio.

Em S. Paulo já foram espalhados dois boletins convocando a reunião de amanhã, um do Grupo Anarquista Guerra Social e o outro da União Geral dos Artífices em Calçados.

Do sr. J. de Camargo, de S. Manuel, recebemos no domingo um telegrama declarando a sua solidariedade com a reunião naquella de realizada, protesto esse depois confirmado mapor a carta.

A questão da ortografia

Como o sr. Z. Z., do Sertão de Minas, no seu sensato artigo publicado no n. 145 da Lanterna, se refere amavelmente ao meu nome, a propósito da minha preferência pela ortografia da Comissão de Reforma portuguesa, acho conveniente dar alguns dos motivos dessa preferência, na qual os que me conhecem sabem que não entra a menor sombra de enacionalismo. Antes pelo contrário, como explicarei. Demais, da Comissão de Reforma faz parte uma senhora alemã...

Z. Z. acha que a reforma proposta pela Academia Brasileira dispensa o estudo do latim e da etimologia. Ora a verdade é que, se o latim é dispensável, já não se dispensa em bom e seguro vocabulário, porque em nenhum caso se pode escrever... de ouvido. Cada cidade e até cada pessoa pronuncia a seu modo. O s entre vogais, por exemplo, é hoje pronunciado como ç nas cidades de Portugal; mas em certas províncias conserva ainda o seu antigo valor. Além disso, não é só entre vogais que ele não tem o valor de z: é nos finais, é nas ligações, é antes de certas consoantes. Em certos não se lê como em triste. A simplificação da Academia Brasileira, portanto, não uniformiza os valores do s, contraria a história da língua e a pronúncia de certas regiões.

A Reforma portuguesa manda suprimir as consoantes inúteis. Mas é claro que é indispensável recorrer a um vocabulário; se não, o português escreveria corrupção e o lisboeta corrupção, o paulista fato, seção e creio até que pato e o lisboense facto, secção e pacto, o brasileiro si, mi, minino e o português se, me, menino. É evidente que, nestes casos de divergência, deve continuar a ser adoptada por todos a forma habitual ou mais geral, a forma etimológica e histórica ou aquela que já cada um está habituado a pronunciar a seu gosto.

Para que uma língua escrita não seja fragmentada em tantos dialetos quantas as localidades, para que, nestes tempos de internacionalismo e de esperança, não se agrave a confusão de Babel e se conserve ao menos a unidade literária dum idioma, é indispensável conhecer e seguir a etimologia, ou a história da língua, ou a competência dos dicionaristas e linguistas sabedores. Uma simplificação tem que assentar nessas bases sólidas, e não na variável e inconsistente pronúncia. A absurda grafia dos ph, th, y e outras fantasias, de introdução relativamente recente, por influência francesa, devia cair precisamente por falta de base.

Para resumir, eis alguns motivos por que prefiro a ortografia da Comissão portuguesa (Gonçalves Viana, Cândido de Figueiredo, d. Carolina Michaelis, Adolpho Coelho, etc.), apesar da minha simpatia pelo autor da proposta brasileira e por alguns dos membros da Academia, bem como pela coragem da reforma, que eu próprio segui durante alguns meses num jornal.

1. - Foi elaborada, após um longo período de preparação e propaganda, por linguistas, por especialistas. Cada um no seu ofício. Os literatos, em regra, pescam pouco destas pedregalhas; e uma academia é um pedregalho como um parlamento, onde cada questão é discutida e decidida por uma maioria de leigos na matéria. Em Portugal, os competentes aceitam todos a reforma; e no Brasil creio que os especialistas, como Silveira de Almeida, preferem também a reforma da comissão.

2. - A Reforma portuguesa tem já excelentes vocabulários (como o de Gonçalves Viana, relator da reforma) e dicionários populares. Até aqui andava isso, em regra, nas mãos de incompetentes e raríssimos eram os dicionários dignos de confiança (sobretudo os populares).

3. - O ortógrafo português simplificado já tem longos anos de propaganda, é adoptada há mais de dois lustros por vários escritores e alguns jornais importantes e populares (O Mundo, por exemplo) e é hoje seguida por quasi toda a imprensa portuguesa, tendo recebido enfim a sanção oficial.

E é de esperar, finalmente, que os especialistas portugueses e brasileiros, de comum accordo, proponham e façam aceitar mais tarde novas simplificações racionais, quando a reforma tiver inteiramente triunfado. Esse movimento, mais ou menos accentuado, é geral em todas as línguas.

Neno Vasco.

DO BELEMZINHO

Iniciando a minha colaboração na Lanterna, trago à publicidade um facto que não deixa de oferecer o seu interesse. Quarta-feira, 7 deste, pelas sete e meia horas da noite, passava pela avenida Rangel Pestana um nosso correligionário, quando, ao enfrentar um circo de cavalinhos ali existente, foi súbita e traiçoeiramente agredido pelo conhecido carola por alcunha Padre e que parece ser chará do primeiro santo festejado em junho.

O nosso amigo, como era natural, reagiu, o que motivou a intervenção da polícia, indo ambos ao posto policial do Braz; a autoridade do serviço, depois de averiguar a verdade, mandou em paz o nosso correligionário.

Agora, o mais interessante: pela manhã ao ser posto em liberdade, o Antoninho Padre foi queiser... não ao bispo, como diz o adágio, mas ao reverendo da paróquia de São João Batista...

Cinco minutos após era convocada uma reunião de toda a batizada do bairro; nessa reunião resolveram ditamar o nosso amigo porque souberam do facto, não como é de seu, mas como bem o quis contra o es-

toliciissimo protagonista do escândalo.

No Braz, há tempos, o dito sujeito, esquecendo o respeito devido à casa de Deus, (lá dele!) esbofetou um rapaz dentro do próprio templo; na Penha, espantou vários menores durante uma palhaçada que se denominava, pelos carolas, procissão.

Passamos a narrar outro facto: no dia 3 de maio deste ano, o mesmo individuo implicou-se com vários rapazes, na sua maioria estudantes, por estes não acompanharem o rito da igreja.

Mais da metade da reza já havia passado, quando surge, de repente, o turbulento que, em altos berros, insulta os rapazes, tentando, em seguida, agredi-los.

Os rapazes, que pertencem a conhecidas famílias do bairro, justamente indignados protestaram; a policia que estacionava na esquina da rua Bresser compareceu ao local, sendo repellido por uns smartis com distintivos tão ridiculos como a sua igreja e que se intitulavam rondantes da igreja, legionários de São Luiz Gonzaga, ou cousa semelhante...

Em vista disto, o soldado retirou-se e o Antoninho, já regularmente pouco católico, foi levado por um grupo de carolas.

Como vêm, Antoninho Padre tem um católico antecedente, ao passo que o nosso correligionário é um rapaz trabalhador e muito estimado neste bairro.

Crescencio Caróla. Belemzinho, 17 - 8 - 1912.

UM TRANSFUGA

Os companheiros do Circulo Francisco Ferrer de Jardinópolis lançaram pela Lanterna um repeto a Eduardo Vassimon para que justificasse os seus actos escandalosamente incoerente em um livre-pensador revolucionário como ele apregoava ser.

Aguardávamos a sua resposta, esperávamos que ele viesse com um desmentido formal dizer que aqueles companheiros tinham sido enganados, haviam sido mal informados.

Mas essa resposta não aparece e as acusações de sua prevaricação são categoricas, positivas: Vassimon, dizendo-se livre pensador batizou os filhos, banqueteou-se com um bispo, relacionou-se com padre, entre os quais conta-se um que por ele foi em tempo atacado.

Vassimon trahi, pois, as ideias que dizia professar e a Lanterna, sem a estulta pretensão de sentenciar ninguém, não pode deixar de se pronunciar sobre esse deploravel facto, pelas circunstâncias abaixo mencionadas.

Eduardo Vassimon appareceu-nos em S. Paulo como tipógrafo há um cinco ou seis anos, vindo do Estado do Rio, onde se encaminhava para pastor protestante. A sociedade dos gráficos, assim como todo o movimento operário, atravessava naquele tempo um período de grande actividade. Vassimon foi por elle atraído. Era inteligente, tinha algum preparo e discursava com facilidade. Era, portanto, um elemento que podia ser util ao movimento, em cujo meio escasseavam, como agora, os oradores. As solicitações, determinadas pelas necessidades da propaganda, não se fizeram esperar. E Vassimon pose-se a falar pelas associações operárias, realizando algumas excursões pelo interior.

Vem daí as suas relações no nosso meio, onde ganhou certo conhecimento. Do movimento operário passou elle a colaborar nos nossos jornais e a frequentar o meio libertário.

Na Lanterna trabalhou elle uns dois meses no inicio de sua publicação, indo ao interior proceder à cobrança das assinaturas e realizar conferências.

Jardinópolis era então um dos centros de grande actividade da propaganda. Vassimon esteve lá algumas vezes, provocando uma das suas conferências interessante discussão com o padre dali.

Vassimon captou assim a franca simpatia daqueles companheiros que, entusiasmados com o resultado da propaganda, conseguiram um meio da o levar para lá.

Seria um elemento a mais, seria um bom auxiliar para a propaganda.

Antes de ir para Jardinópolis, Vassimon esteve por um bom tempo muito doente, sem poder trabalhar. Nesse angustioso transe Vassimon teve da parte dos nossos companheiros em geral a mais completa solidriedade, fazendo-se por elle o que ainda não foi feito a mais nenhuma pessoa.

Vassimon mudou-se para Jardinópolis, onde foi recebido festivamente.

E começa a desillusão dos companheiros. Vassimon nada fazia pela propaganda; em seu jornal, nem a titulo de noticia, tratou de casos de grande importancia para o nosso meio.

Vieram depois os factos: Vassimon cometeu incoerencias, atirouva as nossas idyias.

Eduardo Vassimon não pertence, portanto, ao nosso meio, os seus actos nada têm mais de comum com as nossas ideias.

Vassimon ou mentia descaradamente quando se dizia revolucionário, ou deixou-se agora arrastar pelas enganadoras fascinações do seu viver burguez.

Vassimon já não é anarquista, não é livre-pensador, não é mais mesmo anticlerical.

Eduardo Vassimon tornou-se um transfuga. E todos aqueles que por elle foram ludados não têm mais que atirar o ultimo punhado de terra sobre a sua covarda moral e proseguir na grande luta pela emancipação humana.

VIDA OPERARIA

EM S. PAULO

Os sapateiros da fabrica de calçados e chinelos de liga «Lisboa», situada à rua Gomes Cardim, declararam-se em greve na quarta-feira passada exigindo que o pagamento de seus salários seja feito quinzenalmente e não como até aqui de mezes a mezes.

Diante da solidariedade completa dos operários, não tiveram os patrões outra saída senão atender à sua justa reclamação.

Havemos de voltar a falar desta fabrica, onde há muita irregularidade a esminçar.

EM TATUI

Estão em greve os operários da fabrica de tecidos de Tatuí, que se viram forçados a abandonar o trabalho pelo mau procedimento de alguns tipos que contra elles exerciam a sua acção condenavel.

A solidariedade é completa entre os operarios, que contam com o apoio da União Operaria local com a de Sorocaba.

NO RIO

Sociedade União Protetora dos Vendedores Ambulantes — é o titulo de uma associação recentemente fundada no Rio, com sede à rua Visconde de Itaboraí, 73 (1.º andar), com o fim de patrocinar os interesses morais e economicos da classe.

Agradecemos a comunicação a nós enviada pela sua comissão executiva, desejamos que a novel sociedade, entrando para o convívio dos demais sindicatos de resistência, possa encaminhar os seus associados na grande luta sindical moderna.

NO R. G. DO SUL

A Federação Operária do R. G. do Sul, que há pouco tempo entrou em uma nova fase de proveitosa actividade, orientando-se pelo método da moderna organização operaria, enviou-nos uma circular participando-nos a eleição da sua nova comissão administrativa para ano de 1912-13.

Aos activos e criteriosos companheiros que foram postos à frente da simpática organização riograndense desejamos que aos seus esforços corresponda uma farta messe de prosperidade sindical.

A próspera União Tipográfica de Porto Alegre também nos comunicou a eleição da sua nova directoria.

Igual participação nos fez a S. B. dos Alfaiates de Bagé, patrocinada por um nucleo de bons companheiros.

NO PARÁ

Inquirição policial — Com bastante atraso, chegou-nos ás mãos este protesto à nós enviado pelos nossos bons companheiros de Belém do Pará, que não quiseram deixar passar sem o seu protesto a inaudita brutalidade cometida com o operário Francisco Calvo:

«Os abaixo assinados, socios do Centro Sindicalista das Classes Trabalhadoras do Pará, vêm por meio deste lavrar o seu veemente protesto contra a brutalidade sem nome cometida pela policia canina de S. Paulo com o operário Francisco Calvo.

Podeis estar certos, ó cães de fila, que a mancha negra que atirastes à face do operariado brasileiro (já mais será olvidada!) Nós, cá de bem longe, também somos solidários com os operários daí, e, como operários conscientes, nunca esqueceremos o que hoje nos fazem os jesuitas, sejam eles de casaca ou de batina.

O ajuste de contas ha-de vir e não longe.

Eduardo Guerra, Francisco Ferreira, José Bento Loureiro, José Pereira, Maria Guerra, Manuel Ganibarnes, M. Toreia, José Fernandez, Antonino Dominguez, José Conde, Manuel Salgado, Julio Bavarro, Adolfo Ferron, Horacio da Silva, Antonio Vicente, Abel Soares, Arnaldo Almeida, Arthur Augusto Aguiar.

Belém, Pará, 10 - 7 - 1912.

Capital e trabalho

As crianças nas fábricas

Sob o titulo «As crianças nas fábricas» o illustre articulista da Capital, brilhante hebdomadário que, há pouco, ceitou o seu proveitoso e util tirocinio nesta cidade, filiando-se ao que, de alguns mezes a esta parte, vimos estudando, sob o titulo que este encimam, a par de justas e sensatas ponderações, cometeu, entretanto, algumas graves injustiças em suas apreciações.

Assim, referindo-se ao trabalho dos infantes nas fábricas, diz que nada temos feito nesse sentido.

E' um lapso do distinto articulista porque o nosso Código Penal, estabelece perfeitamente uma idade minima, abaixo da qual nenhuma criança pôde ser recebida em fábricas ou officinas.

A lei temo-la, o que infelizmente não temos é fiscalização. As fábricas e officinas são, como já o dissemos em artigos anteriores, espécies de redutos ou praças fortes onde o fabricante, qual senhor feudal, manda e desmanda como muito

bem lhe apraz, sem que ninguém lhe venha pedir contas do que faz.

Não necessitamos de leis novas, cumpram-se apenas as que já foram, por sábios legisladores, elaboradas, e tudo mudará de feição.

Outra injustiça e bem dura comete o inteligente propugnador de uma justa causa, referindo-se a pais exploradores.

Diz elle:

Muitas vezes, crianças, pela quantia insignificante de 500 réis e 1000, passam dias inteiros nas officinas, trabalhando arduamente para levar o produto de seu ganho e a causa de sua perdição, a pois inconscientes que o gastam, uns, em libações do alcool; outros, por necessidade — o número destes é menor — para os próprios recursos da casa. (O grifo é nosso).

E' um engano. O que o articulista estabelece como regra geral é, justamente, uma excepção. O operário, em geral, não explora os filhos para, com o produto do trabalho deles, entregar-se a libações alcoolicas. Isto, ao contrário, é uma excepção, porque o operário, quasi sempre, quando se alcoolisa, fa-lo nas suas horas vagas, em dias feriados ou domingos. E sabe o illustre escriptor porque assim procede o desgraçado proletário? E' para esquecer as suas maguas, os seus rudes sofrimentos, porque elle, com os vapores do alcool a lhe anuviarem o cérebro, não pensa, não reflete nos horrores da sua miseravel situação.

Se elle, como já o frisamos em outro artigo, ganhando 4, 5, 6 ou 7\$000 (o que é um grande ordenado!) trabalha só 24, 25 ou 26 dias por mês, e tem, como é quasi geral, 5, 6 ou 7 filhos, com a carestia dos gêneros, com os alugueis medonhos, o que é que pôde fazer, para viver, senão explorar os filhos, mandando tenras criancinhas de 6 anos à fabrica? E' elle, porventura o culpado?

Não, mil vezes não!

A culpa é dos poderes publicos que não se importam com o operário, porque elle não é considerado como pertencente à espécie humana, elle é uma máquina, um utensilio, cujo único fim é aumentar a renda de seu senhor.

R.

(S. Paulo).

NOTA DA RED. — Para nós a regulamentação do trabalho das crianças e das mulheres nas officinas, assim como todas as questões que dizem respeito ao operariado só serão tomadas em consideração quando elle, o unico interessado, se organizar fortemente em sindicatos de resistência e agir, sem intermediários, com os meios que são próprios a essa classe de organização, reclamando as melhorias que lhe são devidas e fiscalizando directamente a execução dos compromissos arrancados dos capitalistas.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — A semana que hoje finda foi cheia de novidades para este teatro. Foram exhibidos filmes empolgantes e de grande valor artistico, tendo também estreado a cançonetista Elvira Beneventi e o duo Chile-Brazil, que alcançaram grande successo.

Hoje deve estrear neste teatro, com Il Trovatore, a grande companhia lirica Mosconi, que alcançou successo no Coliseu Santista.

Theatro Casino — Sempre concorridos estiveram os espectaculos realizados neste teatro.

Amanhã haverá matiné.

Jokey-Club — Realizam-se amanhã, no Prado da Modica, mais algumas corridas com grandes premios para os vencedores.



A Biblia obscena

Um livre-pensador de Saint Luis, Estados Unidos, refere no Truth Seeker que, tendo sido convidado a tomar parte numa subscrição para a construção duma igreja, declarou que, se o padre quizesse fazer, durante uma hora, uma leitura pública da Biblia, elle lhe pagaria de boa vontade à razão de um dolar por minuto, com esta unica condição: o proponente havia de escolher as passagens a ler.

Pois o padre não aceitou a vantajosa proposta...

“A LANTERNA” NO INTERIOR

Em Botucatu

No dia 10 do corrente, foi effectuado o enlace matrimonial do companheiro Ramon Ilamas com a tambem companheira Ana Llorente, tendo o acto, por espontanea vontade dos noivos, um caracter puramente civil.

No Hotel do Comércio, onde se reuniram os reconhecidos e os seus amigos, reinou a maior alegria, trocando-se ideias sobre a emancipação do povo e estigmatizando-se a obra nefasta da corvulhada oronda que tem as suas tocas nesses focos de infusão moral a que chamam igrejas. A quadrilha da ordem de S. Faustino ficou com um palmo de nariz por ver que perderam mais um fregoes...

Assim, companheiros, ao facto e não ao dito.

E' preciso ir rompendo com todos os preconceitos.

O correspondente.

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

A inauguração da nova sede

Mais um passo, mais um largo gesto de uma luta franca e decisiva, mais uma vitória do livre-pensamento sobre o obscurantismo religioso, sobre o dominio revoltante do clericalismo em crescente dominio nesta democratica Republica.

A Igreja romana, unida ao Estado como a mentira aos Evangelhos, vê com um olhar de jaguar enfurecido, iluminado pelo archote do crime, avolumar-se diante de si, como uma nuvem negra, rasgada pelos raios vermelhos e incessantes do racionalismo, a Liga Anticlerical — a infernal associação que, progressivamente vem transformando esta bela Sebastianopolis num Averno de novos demônios, inimigos de tudo quanto é sagrado.

A Liga Anticlerical ganha terreno. A sua rota está traçada nos horizontes da felicidade social. Ela é um astro do firmamento do porvir. A mocidade está com ella. — S. B.

Com um elevadissimo numero de associados, realizou-se domingo último, às 8 1/2 horas da noite, a sessão de instalação da sua nova sede à avenida Marechal Floriano Peixoto, 118.

A essa hora, achando-se literalmente cheio o salão, sendo que mais de metade das cadeiras estavam ocupadas por senhoras e senhoritas, o 1.º secretário da Liga, sr. Carlos Augusto de Lacerda, tendo ao seu lado o 2.º secretário, sr. Amilcare Boni, e o contador, sr. Maximiano de Macedo, abriu a sessão, agradecendo a todos a sua presença, a esse acto. Fez em seguida o historico da existência e da luta que vem travando a Liga em prol do livre-pensamento, desde que esta foi fundada, há quasi dois anos, por um grupo de abençoados e corajosos anticlericais.

Mostra o futuro brilhante que está reservado à associação a que quasi todos os presentes pertencem, e como prova disto bastava citar o facto de ter sido a mesma recentemente convidada a tomar parte no Congresso do Livre-Pensamento, a realizar-se no proximo mez de setembro, em Munich (Alemanha), já tendo sido enviadas as nossas credenciais ao illustre escriptor Medeiros e Albuquerque, actualmente na Europa, para representa-la nesse importantissimo certame.

Disse mais que a Liga accitou o convite da Fédération de la Libre Pensée (Federação do Livre Pensamento), da Bélgica, para a ella federar-se, o que era tambem um facto dos mais auspiciosos, porque vem trazer à nossa acção uma força enorme, força de que tanto carece para combater a invasão, cada vez mais perigosa, da onda jesuitica que está assaltando o Brasil por todos os lados.

Proseguindo disse ainda que elle mandou descerrar os retratos de dois grandes mártires do Livre Pensamento: Jordano Bruno e Francisco Ferrer. Ao apparecer as nobres figuras, em tamanho natural, das duas victimas da ferocidade jesuitica, duas prolongadas sal-

vas de palmas fizeram-se ouvir. Terminado este acto, foi dada a palavra:

Ao representante da Associação dos Barbeiros e Cabelereiros, sr. Manuel Fernandes;

Ao representante da União dos Alfaiates, sr. Antonio Moreira;

Ao representante da Lanterna, da Guerra Social e do Livre Pensador, sr. Santos Barbosa.

Falaram em seguida os srts. Cândido Costa, Alvaro Branco, Vicente Nunes Ferreira e Demetrio Minhana, sendo todos muito aplaudidos.

A menina Carolina Boni recitou a poesia «O Padre», recebendo ao terminar uma prolongada salva de palmas.

Encerrada a sessão, foram servidos aos presentes biscoitos e um cálice de vinho do Porto.

Era quasi meia noite quando todos se retiraram.

Pela Paulista

O nosso companheiro José Romero está em viagem de propaganda do nosso jornal e de cobrança dos seus assinantes pela linha Paulista, devendo visitar por estes dias as seguintes localidades: Araraquara, Rincão, Guariba, Jaboticabal, Corrego Rico, Monte Alto, Bebedouro, Monte Azul e Barretos.

Contamos com a boa vontade dos nossos assinantes para o bom êxito dos seus esforços.

Greve geral em Juiz de Fóra

Ao entrar a nossa folha para o prelo, recebemos o seguinte telegrama de Juiz de Fóra, Minas:

«Declarou-se a greve geral das operarias. — Santos».

Apesar da falta de detalhes, estamos certos da justiça das reclamações das grevistas, pois desses movimentos só são declarados quando ha poderosas razões para isso.

A's operarias, em movimento vá o nosso protesto de franca solidariedade.

Folheto sobre o caso Idalina

Projectou-se ha meses a publicação de um folheto que reunisse todos os documentos referentes ao caso Idalina, recebendo nós, de quatro ou cinco amigos do interior, pequenas quantias em seu favor.

Como, ao que parece, esse folheto não será publicado, pelo menos por enquanto, consultamos as pessoas que nos mandaram o dinheiro para esse fim se querem receber em folhetos as respectivas importancias ou se as devemos devolver.

No proximo numero

publicaremos uma correspondência de Votorantim; noticias sobre o padre Herédia e o caso Idalina; um artigo sobre os trusts e mais alguma materia que somos obrigados a adiar.

TRADUÇÕES

PERSONA HABILITADA COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONGA PRÁTICA DE TRADUCTOR INCUMBER-SE, POR PREÇOS RAZOAVEIS, DE TRADUÇÕES PORTUGUEZAS DO INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL, DE CARACTER TECHICO, SCIENTIFICO OU LITERARIO, SEM COMO PARA CATALUÇOS, VERSÕES ESMERADAS E ESCRUPULOSAS. TRATA-SE NESTA REDACÇÃO.

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Lisboa.

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido iniciador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER. Preço 300 réis. Pedidos a esta redacção.

‘A Velhice do Padre Eterno’

Temos novamente a venda, a 2\$000 e exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

‘A LANTERNA’

Nesta capital é vendida ao preço de 100 réis, nos seguintes pontos:

Agencia de Jornais, do sr. Antonio Bastião, rua 16 de Novembro, 41.

Balão do Barbeiro, Avenida Rangel Pestana, 140.

Venturo Sierra, rua Conselheiro Duval, 158.

Balão do Engenheiro, largo do St. ...

UM DOS NOSSOS

O DIABO ENTRE AS FREIRAS E *A GRÉVE NUM CONVENTO*

Sob estes sugestivos títulos, escreveu o nosso amigo Benjamin de Oliveira duas engraçadas operetas anticlericais, que, vem fazendo, há bastante tempo, um ruído sucesso no Circo Spinelli, onde é ensaiador e popular artista, tão conhecido do povo de S. Paulo.

Benjamin é um inimigo acérrimo da casta clerical. Nas suas citadas asoduações a padralhada e a fradapada são vergastadas a valer.

Se Cristo vier ao mundo abençoará Benjamin...

Recomendo as duas operetas, que lh tem feito certa gente não as jásiar até ao final, a todos os inimigos dessa seita inútil à humanidade residentes no Rio.

Rio. Saint Barb.



Bilhetes e recados

F Mangaratiba — J. R. P. e S.: Já foi feita a transcrição recomendada. Saudações.

Rio — Adrenal: Fiz segunda remessa do pacote e do n. 141. A carta não foi encontrada. Saude!

Santa Bárbara — Narciso: Houve atraso devido a um engano no endereço. Seguiram o livro e o folheto. Vai-se indo. Saude!

Rio — M. Estevez: Recebemos o recorte, que agradecemos. Saudações.

Bagé — A. de O. Santos: Seguiram a lista e o talão com as indicações necessárias. Registamos os novos endereços. Saudações.

S. Roque — C. N.: Foi engano nosso. Saudações.

Jos de Fora — J. S.: Remetemos os dois livros e folhetos para completar a quantia enviada. Saudações.

S. Pedro — A. R.: Seguiu o livro pedido. Saudações.

Rio — A. Escanho: Foi registrado o novo assinante. Saude!

Rio — G. Franzini: O jornal foi sempre expedido para o endereço que nos mandou. Fizemos a modificação recomendada e remetemos os n. estravidos. Saudações.

Poços de Caldas — B. de C.: Fizemos a transcrição para essa cidade. Saudações.

Limeira — Dr. A. B. O.: Foi-lhe remetido o Noli me tangere. Saudações.

Rio — A. da Rocha: Foram-lhe enviados os folhetos. Saudações.

Terreina — D. A. de M.: Já lhe está sendo remetido o jornal. Foram-lhe remetidos os dois livros pedidos. Saudações.

Ribeirão Preto — J. S.: Recebemos a fatura. Recebeu a informação sobre a tipografia. Saudações.

Rio — R. C. Perpetuo: Foram registrados os dois novos assinantes. Agradecemos. Já transmitimos, pelo telefone já se vê, as suas saudações para o Ipiranga... Saude!

Campinas — H. S. M.: Foi feita a modificação do endereço. Saudações.

Pirassununga — F. R.: A transcrição do endereço foi imediatamente feita. Remetemos os pacotes e os n. estravidos. Saudações.

Santos — L. Nofari: Fizemos a modificação no endereço indicado. Saudações.

CONTINUA DA LANTERNA (9)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte

AMOR!

VIII

O CÃO

como uma bala em pleno peito. Baixou-se de repente, beijou o tocinho do cão, como para lhe dizer o último adeus, antes da tentativa... talvez mortal! E lançou a pedra, que foi cair do outro lado do fosso, em quanto o leão, revoltando por um momento, ficou depois sobre a erva.

Griff recolhera-se: parecia medir o fosso, com latidos breves e os músculos retesados como uma poderosa mola. Muito pálido, João estendeu o braço, apontando o leão e dizendo apenas:

— Anda!

O cão deu um pulo repentino, prodigioso. Lançado como uma bola elástica, o seu corpo descreveu uma trajetória por cima das negras profundidades do fosso. Incluiu-se para a frente, sem alento, o Cavaleiro olhava. Escapou-lhe um grito breve: Griff caiu no lado oposto, estava salvo! E ao seu grito, o cão respondeu com um latido de alegria e de orgulho.

— Agora eu! exclamou o Cavaleiro com exaltação crescente, eu! Margarida, Margarida! Lá vou! Sou teu!

Dezassumida se ouviu uma voz masculina, surrada, que parecia

Rio — E. Vital: Recebemos o artigo, que será publicado. Saudações. Estação Basílio — J. Soares: Recebemos o vale de 10\$. Saudações dos companheiros.

Santa Sophia — U. M.: Fizemos a transcrição. Saudações. S. Manuel — T. d'A.: Remetemos-lhe os exemplares correspondentes à quantia enviada. Avulsamente não é vendida nessa cidade. Saudações.

Rio — J. S. Azevedo: Modificamos o seu endereço e registamos o novo assinante. Saudações.

Vila de Itauna — F. P.: Infelizmente estão também expostas os n. que nos indicou. Para cobrir a quantia em nosso poder mandaremos diversas novidades que vamos receber. De acordo com as suas considerações sobre o tal facto. Saudações.

Goiaz — Agencia Pery: Foi satisfeito o seu pedido de livros e folhetos.

Maceió — O. S.: Já lhe estamos remetendo o jornal para o endereço indicado. Foi-lhe também remetido o Noli me tangere. Saudações aos companheiros daí.

Rio — A. Moreira: Recebemos o artigo. Saude!

Serra Negra — S. M.: Foi atendido o seu pedido. E' deveras dolorosa essa sua constatação. Entim, dia virá em que ninguém está mais sujeito a esse constrangimento. Saudações.

Beló Horizonte — F. V.: Recebemos os 10\$ de sua assinatura. Remeteremos a conta do anúncio. Saudações.

Rosário Oeste — S. O. C. L.: Seguiu o seu pedido. Saudações.

Salesópolis — G. G.: Já registamos o seu endereço na lista dos nossos assinantes. Aceitamos de muito bom grado o seu oferecimento. Saudações.

S. Paulo — A. da Baía: Infelizmente essas privações existiram enquanto perdurar a actual organização economica da sociedade. E' esta a verdadeira união, o mais sã legislação tirânica, anti-natural. Já lhe remetemos o folheto mencionado. Saude!

S. Paulo — M. Costa: Recebemos sua carta. O folheto sobre o caso Idalina não será publicado. Chamamos a sua atenção para a nota que a respeito publicamos em outro lugar. Esperamos a sua resposta. Saudações.

Jesus Cristo non è mai esistito

A cura della Casa Editrice Mercedes Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Milebc (avv. Emilio Bossi): Gesù Cristo non è mai esistito.

Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo attualmente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 2\$000, spese postali in più.

Le ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedes Gomes Ristori, Caixa 1167 — S. Paulo.

ria um acto de loucura furiosa a quem a pudesse presenciar, e um acto de loucura sublime a quem pudesse ler no coração do Cavaleiro.

João estava suspenso pelas mãos do rebordo de pedra da muralha cortada a pique, e os seus pés bus cavam os interstícios, conseguindo por fim posar numa pequena saliência. Depois procurou com as mãos um ponto de apoio.

A espantosa decisão começou, lenta, cheia de vacilações, parecendo cada segundo uma infinidade de tempo, porque a cada segundo voltava a ameaça de morte, morte terrível, e queda nas trevas.

Quando o Cavaleiro chegou ao fundo, pareceu-lhe que estava descendo há horas: a manobra durara dez minutos! Sem gastar tempo em reflectir ou repousar, João, ligado, levado pelo mesmo estorço de inquebrantável vontade, começou então a escalada do muro oposto.

Reproduziram-se as mesmas perpécias em sentido inverso. Realizou-se a heroica, impossível ascensão, e João, esgotado, anhelante, caiu por fim sobre a erva com o sorriso triunfal e dilacerante do seu martirio.

Uma impressão de frescura nas mãos o fez olhar para os dedos. Estremeceu. O sangue corria por todas as unhas: um rócio vermelho, abundante, o batismo do seu amor! Mas que era aquele sofrimento físico comparado com as torturas do seu coração?

Permaneceu ali um minuto dando voltas à insolúvel questão: Que obra feita de Margarida? Quem tinha interesse em a fazer desaparecer? Flor de Maio era estimada por toda a população. A ninguém lembraria fazer-lhe mal. Havia ali alguém que a odiava em segredo? A si! Como odiar aquele que se amava?

— Margarida! repetiu elle, estendendo os braços como para agarrar um doce fantasma.

E lançou-se em carreira desenfreada pelo caminho de Amiens, com Griff adiante, aos saltos. Tinha a pista, já não a deixava.

A LANTERNA NO RIO

é encontrada à venda nos seguintes pontos:

CAPE' CRITERIUM, largo do Rocío, 92. Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.

Rua da Assembléa, 99, esquina da rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.

Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada.

Avenida Passos, 122, engraxate. Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinsal.

Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Carmo.

Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.

Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.

Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarino.

Rua Urugayana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.

Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.

Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compas.

Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matera.

Largo dos Leões, com o sr. Natão Caralli.

"HUMANIDAD"

Excelente revista quinzenal de educação e cultura social, de Valencia, Espanha.

Assinatura, ano, 5\$000. Os pedidos, acompanhados da respectiva importância, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova S. José, 97, S. Paulo.

Coelho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular em litros de leite.

Vendas condicionadas: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341

Bello Horizonte

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se à venda, pelo preço de 2\$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3\$000 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2\$500. Pelo correio, 3\$000.

"A Sementeira"

Publicação mensal illustrada de critica e sociologia de Lisboa.

Inserer retratos e biografias de escriptores e artistas revolucionarios e livres pensadores como (entre os ultimos publicados) Wagner, Emma Goldman, Teberniehusky, Rapisard, Guyan.

Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira).

Assina-se nesta redacção.

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho. \$200

H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario. \$100

Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente. \$1000

B. Peres Galdós, Electra, (dramas anticlerical em 5 actos) \$2000

Manza Botto, O Papa Negro. \$1000

Otavianio Reinekt, Um comido ha muitos, (comedia de costumes nacionaes em 2 actos) \$1000

Carlos Dias, Segurando para Colher. \$300

Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora. \$300

Guerra Junqueiro, A velhice do Padre Eterno. \$2000

EM ESPANHOL

Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población. \$100

(Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia. \$100

C. S. Darrow, Crimen y Criminales. \$100

André Girard, Educacion y Autoridad Paternal. \$100

EM ITALIANO

Romanzo di un. Donna, Angelo Longaretti. \$1500

EM FRANCÊS

Les Prisons, Pierre Kropotkine. \$300

L'Esprit de Révolte, René Chagnoli, La Femme Esclave. \$200

Jean Grave, L'entente pour l'action. \$200

Elisée Reclus, A mon Frere le Paysan. \$200

Jean Grave, Si j'avais à parler aux Electeurs. \$100

Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne. \$200

Elisée Reclus, Evolution e Révolution. \$200

Urbain Gohier, Aux Femmes. \$100

E. Malatesta, Entre Paysans. \$100

M. Nettlian, La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière. \$200

Marc Pierrrot, Sur l'individualisme. \$300

Louis Blanc, Quelques Verités Economiques. \$100

André Girard et M. Pierrrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière. \$100

Noli me tangere

é obra prima da gloriosa victima dos jesuitas José Rizal, vilmente fuzilado em Manila, como revoltoso contra o dominio espanhol, em virtude das miserimas intrigas contra elle urdidas pela corvadaha negra: agostinianos, capuchinhos, etc., etc., que, vindo em José Rizal o mais temível adversário recorreram aos meios vis que lhes são familiares para o aniquilar.

NOLI ME TANGERE ou NO PAIZ DOS FRADES

é um romance admiravelmente escrito, narrando toda a sorte de crimes cometidos nas Filipinas, pelos frades que, dali expulso pelos heroicos tagalos, estão cavando agora a nossa desgraça, a desgraça deste país.

Esse empolgante romance, especialmente traduzido por Neno Vasco e que tanto sucesso alcançou entre os leitores da Lanterna, foi por nós editado em elegante volume de 196 paginas.

PREÇOS DE CADA EXEMPLAR: 800 réis na redacção e 1\$100 pelo correio.

E' encontrado nos seguintes pontos:

Em S. Paulo: — Livraria Moderna, Travessa do Braz. —

Livraria Lealdade, Rua de S. Bento, 51.

No Rio de Janeiro: — Redacção da Guerra Social, rua da Alfandega, 182 (sob.). — Agencia de Braz Lauria, rua do Ouvidor, 181.

Em Campinas: — Agencia de Antonio Albino.

Em Ribeirão Preto: — Livraria Sélles, rua Amador Bueno.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte o registro do Correio:

Primeira série, já publicada: La Lujuria del Clero, segun los concilios. \$100

El Diablo, por Roberto Robert. \$200

Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo. \$100

El Romance Anticlerical, por varios autores (primeiro tomo). \$300

El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordiáiz. \$200

Historias de la corte celestial, por Narciso Campillo. \$200

Monita Secreta de los Jesuitas. \$100

A Una Madre, por Ramon Chies. \$100

La Democracia y la Inglesia, por P. v. \$200

2.ª série em publicacão: Dios, por Suñer y Capdevila. \$100

Los Milagros por Roberto Robert. \$200

Lo que comen los curas, por Frey Gerardo. \$100

Viaje al Inferno, por José Nakens. \$200

La libertad de ensenanza, por Edmundo Gonzalez. \$100

La Papiza Juana, por Julio F. Mateo. \$100

Sonetas Fideiosos, por varios. \$100

Retratos de José Nakens, 12500 réis

Engenho Stamato

Sem engraxagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se esgotando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que atestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante.

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundação e Mechanica, Avenida Martin Burchard, 146 — S. Paulo.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887

Excusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 6º

— S. Paulo —

A Lanterna no Interior

E' encontrada tambem à venda nas seguintes agencias:

Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Salles, rua Amador Bueno, 41 e 43.

Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.

Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Santo Antonio.

Em Mossão das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.

Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Alnotto & Irmão.

Em Cataguas, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Comercio 1 — A.

Em Florianopolis, com o sr. Valentin Farinhas, rua Republica, 4.

Em Curitiba, na agencia dos sr's Fajusca & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

"IDEAL"

Esta magnifica allegoria de Firmino Sagristá, da qual os nossos leitores viram uma reproducção na primeira pagina do nosso numero especial de 13 de outubro, encontra-se à venda, magnificamente impressa em bom papel, na redacção da Guerra Social, Caixa postal, 1427, Rio.

E' vendida em beneficio do mesmo jornal a 300 réis cada exemplar.

Aquele ser chamava-se Spavento

palavra italiana que significa espanto, pavor. Nunca ser humano ou irracional mereceu melhor o seu nome: aquella horrivel creatura apavorava. Era impossivel entrevê-la sem estremecer. Dava a sensação vertiginosa dum possado-rivo.

Spavento chegara de Itália no mesmo dia em que Gerfaut tomara posse das suas funções de assipreste de Saint-Vulfran. Eribiu sem dúvida poderosas recommendações, pois o cura tomou-o logo a seu serviço, no mesmo tempo como criado e como secretario. Desde então, Spavento nunca puzera os pés fora da igreja. Poucas pessoas podiam gabar-se de o ter visto de perto, e os poucos que tinham podido entrevê-lo, referiam delhe coisas fantasticas. Corriam sobre Spavento boatos que o envolviam numa lenda de terror. No espirito do povo, era o temível génio da Igreja, uma encarnação da poderosa Inquisição...

Gerfaut, apenas entrado deixou-se cair nuns cadeira.

Spavento encarrapitou-se numa poltrona, centou-se com as pernas cruzadas e repetiu a pergunta: — Tendes algum pezar esta noite?...

— Posso ser-lhe útil antes de ir repousar? — O padre fez um gesto vago e murmurou: — Sofo! Ah! como sofo...

— Por mais baixo que tirese talado, Spavento te-lo is ouvido.

— Posso atenuar os vossos sofrimentos? insistiu elle. Falai... Estou disposto a tudo que possa aliviar o vosso mal.

— O meu mal é dor que não tem cura!

— Dicho!... O caso é grave, disse Spavento com ironia.

— Não vobos, monstro abjecto! Como poderias tu apreciar uma dor?

(Continua)